

A ranhura

Line Aressy

Minha mãe me pegava pela mão e me conduzia ao centro da cidade.

O caminho se entremostrava, pouco a pouco, por entre altos muros de pedras cinzentas corroídas por manchas de umidade.

Eu me deixava levar pela linha sinuosa de um céu azul de além mar. O barulho de nossos sapatos na calçada ressoava como em uma igreja. Flores minúsculas, por entre as gretas, apareciam aqui e ali, faíscas de ouro.

Finalmente, parávamos frente a um portão de ferro entreaberto, tomado por ervas loucas. Ao fundo, uma casa tão pequena que acreditaríamos ter sido construída para uma criança.

Entretanto, ele já nos tinha visto pela janela ; escutamos logo o som de suas pantufas vindo em nossa direção.

A sala estava às escuras, cheia de mesas onde se amontoavam livros enormes. Por debaixo delas, espreguiçados, gatos nos fixavam com um ar soberano, as pupilas meio fechadas.

Eles estavam em todos os lugares: sobre o parapeito da janela, em cima da poltrona, da lareira, em caixas de papelão espalhadas pelo chão. Ficavam imóveis, observando cada um de nossos movimentos. Quando eu me aproximava, levantavam-se, sacudindo a cabeça leonina, recuando lentamente dentro das sombras.

Uma luz dourada deixava entrever silhuetas confusas, escondidas sob o amarfanhado de velhos sacos plásticos que se colavam a seus corpos úmidos. O escultor os tirava de lá com precaução.

Pouco a pouco, jovens começavam a aparecer.

Com as mãos apoiadas nos ombros, ou com o braço levantado como se quisessem tocar seus dorsos roliços e carnudos como um pêssego.

Como gostaria de tê-las ao menos tocado para sentir bater seus corações.

O escultor mostrava à minha mãe, como, por pequenos toques, a terra se afinava e se livrava de sua matéria espessa e comum para fazer nascer uma forma untuosa, doce, maleável.

Atrás de minha mãe, eu o olhava por sobre os ombros dela.

Seus gestos eram lentos e precisos ; envolvido no silêncio, ele precisava o contorno dos olhos, a linha das sobrancelhas; e, de repente, surgia frente a ele um olhar puro, o primeiro, que se lançava, confiante, direto.

Minha mãe e o escultor tinham uma paixão em comum. Ela lhe mostrava as fotos de suas últimas obras. Ele aprovava, com um sorriso sonhador, a delicadeza de um movimento, a regularidade dos traços, a originalidade de uma expressão.

Ela levava sempre em sua bolsa a imagem de Nossa Senhora de Grasse. A virgem santa, com os olhos voltados para o céu, esboçava um delicado gesto. Seu olhar que me parecia cheio de melancolia me enternecia. Ela era tão jovem e graciosa que parecia uma criança da minha idade.

Para me manter ocupada, ele me passava um pouco de argila.

Era agradável sentir seu peso em minha mão, eu acrescentava água para que ela ficasse mole ainda entre meus dedos e amassava-a com força, buscando dar-lhe a forma de uma estrela.

Quando eu finalmente tentava modelar um gato, ele acabava ficando com a cabeça de um porco e o corpo de um pássaro. Com a unha, eu acrescentava longos bigodes para torná-lo mais verdadeiro. Mas a cólera me tomava.

Atraída pela luz, eu escapava para o jardim louco que serpenteava como um sorriso selvagem sob o vento.

Mas eles me chamaram pela janela.

O escultor se inclinou em minha direção e murmurou, com sua voz característica, um pouco rouca: «Você pode jogar essa estátua no fosso atrás da casa?»

«Ela ficou com essa rachadura no rosto e com o pé quebrado devido ao cozimento, ele acrescentou.»

Ela tinha um rosto branco, afilado como uma lâmina.

Pareceu-me que se eu a examinasse por muito tempo eu iria feri-la. É verdade que um entalhe havia fendido seu rosto, entretanto um ligeiro sorriso continuava em seus lábios, um pouco deslocado, como se, no fundo, ela aceitasse o que havia acontecido; como se, para ela, não houvesse tanta importância.

«Quero ficar com ela», eu disse.

Minha mãe difarçou com um olhar. A metade de seu rosto se desenhava sob a luz como uma concha.

O escultor falou mais alto: – Ela não pode ser sua, eu a devolvi à terra.

Corri para fora, para trás da casa, em meio a rosas e arbustos espinhentos, encontrei o fosso.

Espalhados, enterrados pela metade, descobri pedaços de braços, uma cabeça partida, mãos sem dedos que estavam ainda abertas.

A chuva havia traçado sobre uma face longos sulcos negros que pareciam lágrimas. A pátina se tinha escamado em alguns lugares. Eu a acariciei: «O que você faz aí, tão sozinha?» Seus lábios já estavam um pouco devorados pela terra.

Um atordoamento me tomou : parecia que milhares de corpos quebrados pela metade se estendiam em volta de mim até o infinito e davam um grito imenso.

Fui arrastada para longe, além de mim mesma: vi minha mãe, o rosto inclinado, que parecia fixar um ponto invisível, as casas de tetos pontudos, que se alinhavam na rua, as ruas que teciam suas tramas incompreensíveis e, por cima, as nuvens abriam a boca para articular palavras que se deslocavam e partiam à deriva, jamais lidas, jamais ouvidas.

Inclinei-me para ver melhor: um seio apontava para o céu, recoberto de espuma; um único dedo recurvado ao léu; um olho, vazio, que me contemplava tranquilamente através das samambaias.

Saí do fosso cambaleante.

Sentia os espinhos que entravam pouco a pouco na minha carne.

Minha mãe me viu pela janela.

Apertei a estátua contra mim, num forte abraço :

– Quero ficar com ela, eu disse.

Ela pesava entre meus dedos, e sua mão apoiava-se contra meu peito.

– O que você quer fazer, disse o escultor, aproximando-se. Seus olhos transparentes penetraram os meus até o fundo de mim mesma.

Fiquei em silêncio. Não tinha palavras para dizer o que eu queria, somente vê-la sob a luz do dia, apreciar a imperfeição de sua forma, dar-lhe um pouco do meu olhar. Como explicar-lhe que ela era bela?

Então, ela é sua, disse repentinamente. As coisas são feitas para pertencerem àqueles que as ama m.

Ele fechou a janela, enquanto minha mãe, voltada para ele, murmurava palavras de desculpas.

Na volta para casa, tirei, com a ponta de um pincel, a poeira branca que a nimbava e, graças a uma gota azul, retracei a linha que percorria seu rosto.

Em seguida, coloquei-a na sala, sobre a estante mais alta.

Tradução, por Sérgio Alves Peixoto, do conto “La fêlure”, de Line Aressy. In: ARESSY, Line. *Profil perdu*. Saint-Brieuc: Éditions MLD, 2007.

Lina Aressy é pseudônimo de Karine Tarel, nascida em Toulouse em 1974, onde é professora em um Liceu. Começou como poeta, mas agora dedica-se à narrativa curta, intimista e leve, lírica por excelência, expondo e analisando sentimentos e sensações vividos por personagens que voltam ao passado, à infância.